

# A memória, a história e as instituições da memória.

*Memory, history and Memory institutions.*

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos<sup>1</sup>



## Resumo

O trabalho analisa questões relativas à memória e à forma como o historiador pode lidar com ela através das chamadas instituições da memória, que são os museus. A análise se deteve em três diferentes espaços museológicos latino-americanos, o Museu Antropológico Nacional, no México, o Museu Histórico Nacional, no Chile e o Museu da República, no Brasil, para neles verificar como foi pensada e estruturada a memória nacional, especialmente através das exposições permanentes.

Palavras-chave: **memória, museu, museologia, exposição, identidade.**

## Abstract

This paper analyses questions related to Memory and the form how the historian can deal with it, through the so called Memory Institutions, that, in case, are the museums. The analysis focused three different museums' spaces in Latin America: The National Anthropology Museum, in Mexico; The National Historic Museum, in Chile, and the Republic Museum, in Brazil, in order to verify, in them, how it was structured the National Memory, specially through permanent exhibitions.

Keywords: **memory; museum; museology; exhibition; identity**

## 1 Introdução

*“As nossas recordações [...] são uma construção que fazemos a partir de fragmentos de conhecimentos que já eram, na sua origem, interpretações da realidade e que, ao voltarmos a reuni-los, reinterpretamo-los à luz de novos pontos de vista”.*(FONTANA, 1998, p. 267).

Relacionada com a História, vista como fonte de experiência ou como suporte da identidade coletiva, a memória pode se apresentar também de forma individualizada ou, pode ser ainda, social. Existe um relativo consenso acerca da necessidade da anamnese na formação das identidades pessoais e sociais, diz Fernando Catroga<sup>2</sup> (2001, p.43). Individual, coletiva ou social, a memória pode ser vista como um

sistema onde se cruzam estruturas culturais, políticas e econômicas enquanto códigos de representação. Isso quer dizer que, *as representações do passado e do presente e as idealizações do futuro também convivem na memória, conferindo ao indivíduo identidade cultural e grupal.* (FONTANA, 1998, p. 267).

## 2 Museu e memória

Num estudo recente Candaú<sup>3</sup> destacou a existência de três tipos de memória –proto-memória, memória propriamente dita e metamemória-. Desses três tipos, a metamemória é o que nos interessa mais, não porque exista independente dos outros dois anteriores, mas porque define as

<sup>1</sup> Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos é Doutora em História pela UFRGS e professora de História na UNISINOS. É a representante do Brasil no Corredor das Idéias do Cone Sul. Mailto: eloisa@poa.unisinos.br.

<sup>2</sup> CATROGA, Fernando. Memória e História, in PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos, in Curso de Mestrado em Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa: Portugal, 2000, digitalizado.CHAGAS, 2000 do Milênio. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001.

<sup>3</sup> CANDAU, Joël. Mémoire et Identité. Paris: PUF, 1998, apud CATROGA, Fernando. Memória e história. In PESEVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2001, p. 43.

*representações que o indivíduo faz da sua própria memória e o reconhecimento que tem desse fato.* Isso vai explicar como cada um se inscreverá no seu próprio passado e como construirá *sua identidade e sua distinção em relação aos outros* (CATROGA, 2001, p. 44), isto é, a sua alteridade. O reconhecimento da alteridade permite inferirmos que a *metamemória* está ligada à memória pela acentuação de suas características e modalidades de construção e reprodução.

A par desses fatores vemos que os acontecimentos uma vez inscritos como lembranças na memória, podem remeter, também, àquilo que não lembramos mais, isto é, ao esquecimento, ao silêncio. Assim, quando falamos da relação entre memória e esquecimento devemos lembrar, em contraposição que *a memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias*, calcadas nas lembranças provocadas por vestígios do passado. Por isso, *o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objetivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória coletiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados* (CATROGA2001, p. 48). Ou seja, sem traços. Nesse contexto, as lembranças comuns e as repetições rituais como por exemplo as festas familiares, aliadas à conservação de saberes e de símbolos do grupo, como fotografias, nomes, canções ou mesmo os odores, assim como a responsabilidade de transmitir essa herança, serão fatores fundamentais para a construção de um sentimento de pertença ao grupo e, consequentemente, para a construção de uma identidade local, regional ou nacional.

Quando se tratar da construção do espaço nacional ou da idéia de Nação, a tessitura da memória se fará baseada na transmissão de uma herança de pertencimento a um determinado lugar, etnia, costumes comuns, etc.

Um outro aspecto importante da memória é o que a liga com o poder. A propósito desse aspecto Catroga dirá que:

*Como instância solidificadora de identidades, comprehende-se que a expressão coletiva da memória, ou melhor, da metamemória, não escape à instrumentalização dos poderes através da seleção do que se recorda e do que consciente ou inconscientemente se silencia* (CATROGA, 2001, p. 59).

É precisamente nesse recorte que queremos

inserir os museus, os museólogos e os historiadores. Considerados como “instituições da memória”, os museus trouxeram em seu bojo, ao longo dos séc. XIX e XX, também, o discurso do poder, quer das elites, quer dos governos, embora tenham sido permanentemente mostrados como espaços de construção e de conservação da memória de todos os grupos cabendo dizer, a esse respeito, que tal postura indica um discurso homogeneizador.

Um estudo de Ana Cláudia Breve, mostrou que o aparecimento dos museus foi um dos objetos privilegiados pelos debates historiográficos mais recentes, por sua ligação com a questão da memória nacional. Embora se saiba que a história dos museus está ligada, em última instância, ao templo das musas, na Antigüidade, esta ligação com a memória nacional vem se mostrando mais claramente desde a Revolução Francesa, isto é, no mundo contemporâneo.

As várias transformações de que o museu foi alvo ao longo desse século, diz a citada autora e, principalmente a abrangência praticamente ilimitada dos objetos que engloba indicam que ele é um dos lugares-chave para se entender as sociedades modernas e a forma pela qual elas se fazem representar. (BREFE, 1998, p. 315).

Os museus, sendo fruto e parte integrante do processo museal, são instituições que colecionam, preservam, documentam, exibem e interpretam evidências culturais, isto é, são lugares onde a cultura é elaborada, comunicada e interpretada.

Consideramos que essas palavras-chave do processo museológico são portadoras de uma carga ideológica e de uma visão de mundo. São, portanto, palavras portadoras de discursos. Tomemos como exemplo os Museus que escolhemos para nossa análise. O Museu Nacional de Antropologia, do México, no dizer de Moreno, caracteriza-se pela representação das culturas indígenas mexicanas. A seleção de objetos, dispostos em 12 salas colocadas no térreo e 11 no primeiro andar, procura “... oferecer um panorama, o mais completo possível do passado e do presente do que se considera a raiz indígena dos mexicanos”. (MORENO, 1996, p. 99-100). Como nos grandes museus etnológicos do mundo, recriam-se as vestimentas, as casas, o artesanato, a religião e a economia dos diferentes grupos étnicos do país. Nesse sentido o Museu Nacional de Antropologia coloca em prática o paradigma museológico de constituir-se em um agente comunicador que ressignifica o passado, simbolizando, ainda hoje, o templo laico da mexicanidade. O exemplo mostra que quando

destacamos o acervo de um museu, estamos querendo destacar aquilo que seus organizadores recolheram, buscando a finalidade da preservação de tal acervo, mas podemos destacar também aquilo que foi deixado de lado por este mesmo grupo.

Essa afirmação nos permite dizer que “elaborar a cultura” não é uma atitude ingênua ou neutra, porque tal elaboração possui uma carga de subjetividade oriunda de quem a elabora. Da mesma forma que a elaboração, também a exposição é carregada de significados, de ideologias, de mundividências. O que queremos dizer com este ou aquele objeto? O que queremos mostrar com o “sentido” da exposição? Toda exposição, a nosso ver, tem um discurso implícito ou explícito, e é preciso que o mesmo seja comunicado ao público visitante, que é a outra face do trabalho museológico. Tomando como exemplo, agora, o Museu da República, no Rio de Janeiro, vemo-lo como uma casa da memória republicana, mas, sobretudo como uma casa onde transitou o poder político brasileiro com todo seu aparato. Quando os museus são colocados em antigos espaços de poder a simbiose poder/memória/esquecimento/identidade fica patente. Por ter sido também residência de Getúlio Vargas por mais de 15 anos, o palácio tem muitas marcas desse governante, mantendo inclusive o quarto em que o presidente se suicidou. Se a memória da construção do Estado republicano está presente nos objetos expostos no Museu, a memória de Vargas subjaz em exposições temporárias que mostram-no como aquele que está em todos os lugares, que cuida de tudo, que tudo vê, confundindo-se com o público visitante, de forma explícita ou implícita. Esse museu, em suas reformulações dos anos 1980 procurou organizar-se musealizando a República em três níveis: o que permitisse leituras locais da República, o que permitisse leituras nacionais e leituras internacionais da mesma. Fica claro que se trata de “leituras”, e não de uma leitura.

Nesse sentido, comunicar através de objetos tridimensionais colocados em diferentes suportes é o objetivo dos museus. É, no dizer de alguns, o “fato central” dos museus o momento em que os objetos exibidos são observados por alguém. Por isso, quanto mais clara a mensagem, maior será a reciprocidade ao tema/objeto exposto, que é colocado ali para ser visto, com uma intenção, com um propósito. *“Com efeito, as exposições e as vitrinas significam algo mais que um projeto museográfico adequado, porque expressam, seja intencional ou implicitamente, uma determinada identidade cultural”*. (MORENO, 1996, p. 64.). Uma leitura da

exposição é o que se busca como resposta do público visitante. A “interpretação” implícita nesta leitura é que será o *feed back* do trabalho museológico.

A visita ao Museu Histórico Nacional do Chile, não fugiu à regra da concepção dos outros museus referenciados. Localizado num conjunto de prédios históricos, no centro de Santiago, o Museu divide-se em salas que contam a história do país desde as culturas indígenas até os principais chefes políticos, tidos como formadores da nação chilena. No conjunto exposto há uma sala que destaca alguns aspectos do cotidiano, onde se inclui uma cozinha, capitaneada por uma sorridente mulher, que realiza o trabalho doméstico.

Importa saber, nos casos citados, que a exposição do acervo vincula-se a um determinado discurso, a uma determinada representação da história do país ou, talvez, a uma memória. Assim, ao dar maior ou menor visibilidade ao acervo, o que se faz é confirmar ou não um determinado discurso, uma determinada interpretação da realidade. Isso quer dizer, por outro lado, que os museus celebrativos da memória do poder ainda existem e são decorrentes da vontade política de indivíduos e grupos.

A tendência para a celebração da memória do poder é responsável pela constituição de acervos e coleções personalistas e etnocêntricas, tratadas como se fossem a expressão da totalidade das coisas e dos seres ou a reprodução museológica do universal. As relações estreitas entre a institucionalização da memória e as classes privilegiadas têm favorecido esta concepção museal, diz Mário Chagas (2000).

Talvez, como historiadores, devêssemos olhar como a história se expressa em exposições de museus históricos. Certamente não estamos preparados para pensar as mensagens contidas em “simples” exposições porque elas não são simples. É necessário que se tenha em mente, por exemplo, que o museu histórico também traz uma mensagem, como já exemplificamos. E que é esta mensagem que está na rua, nas escolas, no cotidiano das pessoas. Considerando, ainda que ao serem portadores de conhecimento, os museus chegam nas escolas com um discurso e que se a transposição do conhecimento se dá mediada por ações didático-pedagógicas, é de fundamental importância a nossa intervenção neste campo de saber para poder contribuir para um novo tipo de conhecimento mais dinâmico e mais crítico da realidade vivida.

O sentido ideológico e discursivo da exposição ou do acervo dos museus, hoje, deve ser repensado ou substituído por outros símbolos e/ou por outros valores.

Que deverão vir dos interesses da comunidade em que o museu está inserido e a partir da discussão entre vários campos do conhecimento entre os quais temos o da história, da antropologia, da geografia, da arquitetura, da sociologia, da filosofia e da comunicação. No momento atual, diz Ulpiano Bezerra de Menezes, “... não compete mais ao museu produzir e cultivar memórias e sim analisá-las, pois elas são um componente fundamental da vida social. (BEZERRA DE MENEZES, 1998, p. 284)<sup>4</sup>.

### 3 Conclusão

Considerando que os estudos museológicos recolhem as mais variadas manifestações do desenvolvimento humano queremos lembrar que uma civilização se revela por uma série de manifestações, fatos ou acontecimentos. Para Joseph Fontana, *a história de um grupo humano é a sua memória coletiva e cumpre a respeito dele a mesma função que a memória pessoal num indivíduo: a de dar-lhe um sentido de identidade que o faz ser ele mesmo e não outro. Daí sua importância. Porém, convém compreender qual é a natureza da memória* (FONTANA, 1998, p. 267).

Ela é o fio condutor ligando as gerações umas com as outras e dando um caráter de continuidade à

vida. Já as semelhanças e as diferenças entre os povos se traduzem por manifestações quer materiais, quer espirituais. Assim, o desafio que se impõe hoje para o historiador que toma o museu e seus objetos como o cerne de sua pesquisa, é o de investigar a importância cultural e a inserção social e política do museu em uma dada sociedade e em determinada época, explicitando correspondências com suas legitimidades intelectuais e questionando a revalorização e revitalização de algumas heranças do passado.

### Referências

- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Os primórdios do museu: da elaboração conceitual à instituição pública. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 312-330, jun./dez. 1998.
- FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.
- MORENO, Luis Gerardo Morales. *Qué es un museo?* Cuiculco, Cidade do México, v. 3, n. 7, p. 64-100, maio/ago. 1996.

Data do Aceite: 2003

<sup>4</sup> BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano. Do teatro da memória ao laboratório da história: A exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista – Nova série*, vol. 2, jan.- dez. 1994, p. 14, apud BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Os primórdios do Museu: da elaboração conceitual à instituição pública, in Projeto História n. 17. São Paulo: PUCSP, novembro de 1998.